



SUSTOS NOS ABISMOS SOCIAIS BRUTAIS DE *OS SUPRIDORES*, DE JOSÉ FALERO

SCARES IN THE BRUTAL SOCIAL ABYSSES OF OS SUPRIDORES, BY JOSÉ FALERO

Eliseu Demari¹

Resumo: Registro imediato da prosa contemporânea urbana sul-rio-grandense, a obra *Os supridores*, de José Falero, desenvolve-se em representações de Porto Alegre como uma cidade marcada por projetos de modernização que amplificaram o abismo entre os super-ricos e os miseráveis. A partir de perspectivas sobre como a literatura brasileira atual busca refletir a realidade social, pretende-se captar como os espaços urbanos são negados por uma hierarquia de poder que opera prejuízos especialmente de classe. Para tanto, busca-se embasamento em autores que analisam as consequências de projetos urbanos moldados sobre construtos coloniais. A leitura avança sobre problemas como a violência e a necessidade de sobrevivência diante de um capitalismo arraigado, que drena a consciência dos próprios protagonistas e provoca reviravoltas éticas que indicam um futuro sempre mais borrado para os herdeiros do desprestígio histórico.

Palavras-chave: Espaço urbano. Porto Alegre. Desigualdade social. Literatura brasileira contemporânea. *Os supridores*.

Abstract: An immediate record of contemporary urban prose from Rio Grande do Sul, *Os supridores*, by José Falero, unfolds through representations of Porto Alegre as a city marked by modernization projects that have widened the gap between the super-rich and the destitute. Drawing on perspectives on how current Brazilian literature seeks to reflect social reality, this study examines how urban spaces are denied through a hierarchy of power that produces harm, especially along class lines. To this end, it engages with scholars who analyze the consequences of urban projects shaped by colonial constructs. The analysis addresses issues such as violence and the imperative of survival within an entrenched capitalism that drains the protagonists' own consciousness and triggers ethical reversals, pointing to an ever more blurred future for those who inherit historical marginalization.

Keywords: Urban space. Porto Alegre. Social inequality. Contemporary Brazilian literature. *Os supridores*.

Introdução

O foco em cenários, personagens, enredos e formas de narrar próprias do espaço urbano tem predominado na literatura brasileira desde os anos 1970, com representações e reflexões sobre as contradições das metrópoles globalizadas. O crescimento desorganizado e o multiculturalismo presentes nas grandes cidades do passado colonial redundam em relações conflituosas de entendimentos diversos sobre o espaço e sobre o tempo, que têm sido incorporados aos textos com tensões latentes entre habitantes e operadores do poder do

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) na área de Estudos da Literatura, linha de pesquisa Literatura, Sociedade e História da Literatura. Mestre em Letras e Cultura pelo PPGLet da Universidade de Caxias do Sul (UCS) na linha de pesquisa Literatura e Processos Culturais. Possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e graduação em Letras pela Universidade do Vale do Taquari (Univates). Secretário municipal de Cultura de Carlos Barbosa/RS.

impasse moderno. A descentralização pela pluralidade e a necessidade de resistência passaram a marcar a literatura brasileira contemporânea *pari passu* com uma urbanidade de profunda desigualdade social, cidadania restrita a uma minoria, poder patrimonialista, soluções a cargo do mercado, entre outros paradigmas. Esta produção – intensificada com o acesso de novas vozes no século XXI – promoveu uma atualização do realismo, comportando

A experiência das ruas, do fluxo incessante de corpos e automóveis, da compra e venda, do ruído, dos espaços de trânsito veloz e paradoxalmente solitários, a vida urbana pulsante e moribunda, visível e invisível, em sua presença e ausência eloquentes, é criada de modo a iluminar um campo de significações quase sempre dolorosas. Metamorfoses da vida “real”, os quadros urbanos modelados por certos textos ficcionais obrigam o leitor a suspender sua passividade tanto diante da vida quanto do texto. Nem pura imaginação, nem mimese de uma realidade pré-existente, a ficção transita numa espécie de entre-lugar que potencializa a reflexão de si e do Outro sem que o leitor se dê conta (Germano, 2009, p. 432).

A obra *Os supridores* (Todavia, 2020), de José Falero, é um registro imediato da prosa contemporânea urbana sul-rio-grandense, tratando das experiências de sujeitos localizados em espaços periféricos de Porto Alegre em recorte temporal delimitado de 2009 a 2013. Embora tenha sido a primeira capital do país a ter um Plano Diretor², Porto Alegre experimenta desajustes provocados por projetos de modernidade jamais levados a cabo, tal qual se pode verificar em outras metrópoles da América Latina. A cidade apresenta nichos de alta desigualdade social escancarados por abismos entre os super-ricos e os miseráveis, que são captados pelo autor oriundo do complexo de dezenas de vilas que formam o bairro Lomba do Pinheiro. *Os supridores* têm chamado a atenção do público, da crítica e da pesquisa pela carga realista no âmbito da linguagem, com marcas de oralidade próprias de regiões apartadas do centro, mas também ensejam uma leitura específica sobre a representação de complexidades da experiência de vida sob uma ordem social e econômica que normaliza os contrastes drásticos da urbe.

A delimitação de *Os supridores* no âmbito da literatura sul-rio-grandense contemporânea não propõe, aqui, um rótulo definitivo, seja geográfico, seja temporal, visto que novas perspectivas e formas sucedem-se com alta frequência. Há diversos exercícios de compreensão sobre a perspectiva atual da literatura brasileira que auxiliam a leitura daquela realizada no Rio Grande do Sul.

² História do Planejamento Urbano em Porto Alegre. Prefeitura de Porto Alegre. S.d. Disponível em: <<https://prefeitura.poa.br/smamus/planejamento-urbano/historia-do-planejamento-urbano-em-porto-alegre>>. Acesso em: 30 jan. 2026.

A noção do texto como um registro contemporâneo ampara-se primeiro no olhar de Regina Dalcastagné sobre a chamada literatura contestada, que é realizada por diferentes grupos “em busca de espaço – e de poder, o poder de falar com legitimidade ou de legitimar aquele que fala. Daí os ruídos e o desconforto causados pela presença de novas vozes, vozes ‘não autorizadas’ [...]” (Dalcastagné, 2012, p. 13). Com efeito, a constatação do nome de Falero em capas de livros e de suas fotos em orelhas destoam do que se via nos tempos em que as possibilidades de publicação eram restritas e obedeciam a uma hierarquia destensionada, feita por homens brancos detentores de carreiras prestigiadas. Hoje, homens, mulheres, sujeitos marcados por jogos de poder de classe, gênero, raça, indivíduos de pouca educação formal, pessoas que se esforçam para dedicar-se à escrita, entre outras tantas lidas, encontram vazão junto a pequenas casas editoriais e blogs, alcançando selos consolidados e conquistando premiações, reimpressões e traduções – *Os supridores* foi finalista do Prêmio Jabuti em 2021 e recebeu edição francesa em 2022.

O designativo geográfico, por sua vez, não pretende esgotar-se em uma espécie de classificação “engessada”, visto que sob esta denominação podem ser considerados autores nascidos no Rio Grande do Sul – caso de Falero – e aqueles que desenvolvem atividades no Estado. A literatura gaúcha formou-se sob o signo do pertencimento local e foi identificada com a “comarca do pampa” de Ángel Rama, mas aqui deve ser tratada como “um fenômeno concreto, empírico, que envolve autores, obras e público objetivamente, isto é, para quem e para além da nacionalidade como fenômeno político ou como comunidade imaginada (como postulou Benedict Anderson)” (Fischer, 2024, p. 23). Além disso, deve-se notar que a identificação com os temas e cenários da vida no pampa teve lugar na esfera do regionalismo e que a urbanidade tem se enfatizado desde a transição para o realismo por autores como Cyro Martins, Dyonélio Machado e Érico Veríssimo.

Contemporaneidade insuficiente em debate

Após a consolidação realista, Antonio Candido (2023) reflete sobre uma espécie de ultrarrealismo que se vê a partir dos anos 1970, com

uma prosa aderente a todos os níveis de realidade, graças ao fluxo do monólogo, à gíria, à abolição das diferenças entre falado e escrito, ao ritmo galopante da escrita, que acerta o passo com o pensamento para mostrar de maneira brutal a vida do crime e da prostituição (Candido, 2023, p. 287).

Este traço de brutalidade, que auxilia o olhar proposto sobre uma possível abordagem da literatura contemporânea em âmbito nacional, é observado por Alfredo Bosi (1985) como brutalismo, considerando a presença das violências decorrentes da desigualdade social advinda de um processo de urbanização segregador. Trata-se de representações da truculência, da opressão, do olhar direto e crítico sobre as relações sociais diante dos fatos, com vistas a “revelar as graves lesões que a vida em sociedade produz no tecido da pessoa humana” (Bosi, 2022, p. 419). O sujeito contemporâneo é exposto a sucessivas emergências e urgências deste tempo específico a ponto de desestabilizar-se, ensejando os aspectos de construção das representações que se pretende levantar nesta leitura.

O medo e a violência que emergem de regiões em degradação colocam o território sob embate cotidiano de “eus” fragmentados. Karl Erik Schøllhammer (2009) fala em novo realismo quando trata da literatura feita no Brasil a partir da época da Ditadura Militar (1964-1985) como espaço de manifestação de preocupação social e de apreensão de uma realidade perpassada por diferentes formas de hostilidade “nessa temporalidade de difícil captura” (Schøllhammer, 2009, p. 11). Esta tendência reinventaria as formas com a diegese das várias violências verificadas na conjuntura social brasileira.

Renato Cordeiro Gomes e Alexandre Faria (1994, 1998, 1999; 1999) falam em literatura de subtração, que narra a cidade perdida em referências, sonhos, promessas, certezas. Gomes explica a literatura de subtração como narrativas em que

o sujeito que lê e interpreta as cidades faz-se um detetive de subtrações, de ausências. E o que se subtrai dessas narrativas urbanas? A ideia de utopia, uma visão una, organizada e totalizante do país, a cidade compartilhada, as marcas identitárias exclusivas e singulares da própria cidade e de homens e mulheres no espaço urbano plural e fragmentário, a fim de pontuar o esgotamento dos valores modernos, questionando com destaque a cidade enquanto espaço utilizado dentro de uma perspectiva racional e em função do progresso (Gomes, [s.d.], par. 4).

A desesperança que recai sobre a experiência urbana entre distorções econômicas, políticas, sociais e morais tornam a cidade um lugar de

subversão dos princípios de civilidade, [com] escravização da população à máquina do lucro e do consumo e negligência da cidade, especialmente dos mais pobres e indefesos, pelas autoridades e setores mais capazes de protegê-la (Germano, 2009, p. 435).

O verniz civilizatório que a modernidade reserva a determinados redutos da cidade pode ser observado na evolução da convergência de aspectos geográficos e sociais de Porto Alegre evidenciados no *corpus*. O atual complexo da Lomba do Pinheiro recebeu uma enorme população em pouco tempo – no final dos anos 1950 estimava-se cerca de 4.000 habitantes, enquanto que nos anos 1990 a quantia girava em torno de 70.000 habitantes (Freire *et al.*, 2000). Feito de grupos segregados das áreas centrais e pessoas que faziam o êxodo rural por conta da acelerada industrialização do país em meados da década de 1970³, este recorte recebeu benfeitorias da urbanidade a conta-gotas e, por conta disso, sofreu feridas institucionalizadas. Como destaca Jaime Ginzburg (1999),

Entre a violência da criminalidade, associada à desigualdade social, e a violência institucional, exercitada pelo poder público, a população brasileira acompanhou o processo de modernização do país com incerteza e ansiedade, sendo submetida a várias formas de manipulação ideológica, em nome do bem e da ordem social (Ginzburg, 1999, p. 124).

Repercutindo modelos de alterações socioespaciais decorrentes da modernização conservadora do capital que ocorriam em grandes cidades ao redor do globo nas primeiras décadas do século XX, Porto Alegre passou por intervenções urbanas massivas que não levaram em conta os efeitos colaterais de gerar um rastro de exclusão de enormes camadas sociais de menor prestígio. Além de sucessivos aterros junto à orla do Lago Guaíba, os trabalhos de “higienismo” e “embelezamento” envolveram prolongamento e alargamento de avenidas e criação de vias expressas, o que demandava o deslocamento da população afetada para as bordas. Os habitantes dos espaços desmantelados em favor da expansão da cidade tiveram que se improvisar em territórios sem as devidas estruturas legais e tampouco as básicas de moradia, de transporte, de acesso aos serviços públicos em geral. A população segregada dos direitos passa a viver como uma massa abandonada pelo Poder Público, pouco e mal sustentada pela baixa escolaridade ou pelo analfabetismo, em meio à violência que se intensifica em uma “terra sem lei”.

A complexidade da urbanidade tratada com descaso para as áreas periféricas resulta em “espaços de exclusão”, como observa Tânia Pellegrini (2004): “Espaços não valorizados socialmente, como a periferia dos grandes centros urbanos, ou os enclaves murados em seu interior, como as prisões” (Pellegrini, 2004, p. 15). Os cortiços, casas de pensão, neofavelas, cidades de Deus e capões produziam o que a estudiosa designa como “cidade cindida”,

³ “Milagre econômico brasileiro”.

dividida entre centro e periferia, favela e asfalto, cidade e subúrbio, bairro e orla. Este “caldo” de desordem e insuficiência propiciou a “ascensão da violência a níveis insuportáveis” (Pellegrini, 2004, p. 19).

Ao observar a Buenos Aires das décadas de 1920 e 1930 através da literatura de diversos escritores, Beatriz Sarlo estuda as causas e consequências da pobreza e da marginalidade, hábitos, costumes, tipos e relações que mudam ou persistem conforme a distância do centro e a presença ou não de aparatos civilizatórios. Principalmente a partir da literatura de Roberto Arlt, Sarlo analisa “a cidade como inferno, a cidade como espaço do crime e das aberrações morais, a cidade oposta à natureza, a cidade como labirinto tecnológico” (Sarlo, 2010, p. 98), descrições que se aproximam das denúncias de *Os supridores* em torno da desigualdade de distribuição de riqueza e de relações de poder, nas tensões entre modelo e realidade, entre o desejo que esbarra na frustração: “[...] Vendo que não realizava sonho nenhum, Pedro abandonara o hábito de sonhar” (Falero, 2020, p. 84). É como sujeito nativo, autóctone, que Falero inscreve-se para revelar obscenidades:

As imagens de ilegibilidade e o tom de melancolia dos ficcionistas tornam a megacidade objeto do discurso poético e um problema a exigir interpretação. Neste sentido, conhecer o imaginário urbano dos escritores é desenterrar possibilidades urbanas que não vingaram, mas que se mantêm como virtualidades. Onde a experiência imediata encara a dispersão, a narrativa literária está lá para sugerir um nexos imaginário (Germano, 2009, p. 443).

A “terra prometida” e não entregue pela modernidade desloca o futuro, enquanto o presente, pós-utópico, arruinado, demanda a provocação: “Ler as representações da cidade contemporânea na literatura contemporânea [...], sem, entretanto, abrir mão da capacidade de indignação e das possibilidades do presente, ainda que precário” (Gomes, [s.d.], par. 2). As certezas subtraídas expõem o choque de violências e vozes em resistência contra as desigualdades.

Entre espaços negados e espaços relegados

Pedro e Marques, os moradores da Lomba do Pinheiro, protagonistas de *Os supridores*, são colegas na tarefa de repor mercadorias nas prateleiras de uma rede de supermercados. Marcados sobretudo por prejuízos de classe, eles enfrentam a rotina de morar mal, transitar mal, serem mal remunerados e desesperançosos com o futuro. Distantes do centro, eles não vislumbram um ponto de equilíbrio entre suas necessidades e esperanças.

A periferia de *Os supridores* constata a precariedade histórica, gerada, em parte, a partir da ocupação desorganizada de áreas irregulares, muitas vezes locais de risco, suspensas entre antigas propriedades agrícolas e a cidade que cresce em direção à Zona Leste, e da consequente ausência de planejamento, de infraestrutura e de serviços. Entre becos e ruas mal pavimentadas – a modernidade insinuada –, Pedro e Marques expõem o cenário de barracos amontoados, esgoto aparente e toda sorte de animais vasculhando os quintais. O narrador relata o início dos problemas em parte da vila Viçosa, como “fruto de sucessivas e irregulares invasões coletivas ocorridas ao longo dos anos” (Falero, 2020, p. 107), resumindo-a a “um deplorável conjunto de habitações permeado por ruas de terra esburacadas, vielas estreitas e valas de esgoto a céu aberto, tudo derramado desordenadamente pela encosta” (Falero, 2020, p. 108) Também descreve o crescimento de outra porção de território a partir do olhar de Pedro:

Dali, do alto de Nova São Carlos, tinha uma visão privilegiada da vizinhança; lá embaixo, na futura Vila Sapo, barracos e mais barracos se amontoavam, e logo adiante erguia-se a Viçosa, outro bolo de casebres: as luzes das casas brilhavam por toda parte, incontáveis, parecendo querer fazer inveja às estrelas (Falero, 2020, p. 133).

Pedro mora com a mãe e vivencia a distância dos aparatos básicos de legalização imobiliária, educação, iluminação e transporte, entre outras demandas. O local de “asfalto carcomido, palco das mais repugnantes baixarias, dos mais esdrúxulos escândalos e dos mais cinematográficos tiroteios” (Falero, 2020, p. 23) é acossado pelo crime, principalmente por conta do embate entre facções envolvidas com o tráfico de drogas. Por sua vez, Marques e a companheira Angélica têm o segundo filho a caminho. A gravidez acidental, a violência doméstica, o assoalho apodrecido da casa e as preocupações em torno das bocas a serem alimentadas, dos corpos a demandar agasalho, entre outras necessidades.

Este contexto faz os colegas considerarem a luta contra o sistema com motivação estudada. Pedro lê Karl Marx no vaivém de ônibus e forma seu colega como discípulo sobre relações de exploração do trabalho. Mas Pedro quer pular etapas. Espectadores de direitos negados, carentes de acessos, de oportunidades, secundarizados a uma perspectiva curta de escassez que sempre precisa ser resolvida para hoje, os supridores encontram o crime como saída para tentar uma vida melhor.

Pedro engendra o plano de vender maconha, tendo Marques e Angélica de prontidão não somente pela execução, mas também no financiamento dos “negócios”, já que ela deixa o

emprego em uma pizzeria e utiliza o dinheiro obtido na rescisão do contrato de trabalho para financiar o esquema.

A determinação em torno da comercialização exclusivamente de maconha se dá como forma de desviar-se da intensa competitividade e violência que permeiam a venda de cocaína, droga mais associada às altas classes. Tal como se vê em crítica de *Feliz ano novo*, uma das principais referências da mui urbana literatura contemporânea brasileira, de Rubem Fonseca (1975), “os explorados saem da invisibilidade em que normalmente se encontram e definem o jogo a seu favor por meio da violência extrema” (Germano, 2009, p. 441). Antes de iniciar a venda de maconha, Pedro toma o cuidado de articular a permissão de chefes do tráfico de cocaína de duas vilas onde ocorrem disputas com armamento pesado e assassinatos.

E então a evolução dos sujeitos periféricos passa a vislumbrar a ocupação dos espaços.

Fornecida por um traficante da adjacente Canoas, a maconha é entregue aos supridores pelo intermediário Alemão em uma praça localizada entre as ruas Jerônimo de Ornellas e Santana, nas proximidades da escola Luciana de Abreu, com vista para o Hospital de Clínicas. As indicações remetem à praça João Paulo I, localizada entre os bairros Santana e Cidade Baixa, local “extenso e mal iluminado”. O ponto de venda efetiva-se na Vila Lupicínio Rodrigues, no bairro Menino Deus (“[...] Indesejado quintal dum importante centro cultural” (Falero, 2020, p. 32)), considerado promissor pela localização privilegiada, já que era procurado por

milhares e milhares de playboyzinhos das redondezas, que normalmente obtinham maconha através de outros playboyzinhos – rebeldes sem causa conhecidos nas faculdades ou nos barzinhos da Lima e Silva –, e, de tempos em tempos, quando esses fornecedores oficiais ficavam sem maconha, seus amiguinhos do Menino Deus e da Cidade Baixa se viam obrigados a remunerar mendigos para irem ver se, por acaso, havia maconha da Lupicínio Rodrigues [...] (Falero, 2020, p. 127).

Falero escancara o contraste entre espaços onde de um lado oferece-se Shakespeare e Brecht e de outro se descortinam as tragédias da vida real, corroborando a análise de Sarlo sobre como a periferia do mundo eurocentrado vive a modernidade não como um projeto bem-sucedido, mas como promessa parcial ou frustrada – não há consumo, mobilidade ou reconhecimento possível, mas a manutenção dos prejuízos. A estudiosa analisa que a experiência de territórios historicamente colonizados por matrizes europeias é marcada mais pela adaptação do que pela capacidade de replicar uma modernidade, sendo que a localização

periférica enseja relações de dependência e hibridismos, de significados urbanos próprios, com tensões entre o ideal moderno e a realidade cotidiana das populações.

As personagens de *Os supridores* ziguezagueiam pelos cenários de margens organizados entre uma tradição social e um novo caldo cultural de desrespeito a velhas práticas. Marques, por exemplo, é descrito como representante fiel da geração à qual pertence pelo modo de agir despreparado e atitudes negligentes, desde sempre atormentado pelos perigos do seu entorno, que draga jovens para a base da base da pirâmide social. A pecha de preguiça que recai sobre este recorte social é ironizada e estimula uma reflexão por meio de um sistema que historicamente relega a arraia-miúda à subalternidade. Não importa o quanto gerações batalharam por um lugar ao sol, são sempre destinados à pobreza: “Todos os seus ancestrais tinham trabalhado muito ao longo da vida, tinham pertencido à classe social que mantinha a merda do país funcionando”, diz Pedro (Falero, 2020, p. 24).

A geografia entre a periferia e os bairros nobres, como o Bela Vista, apresenta contradições que incluem fenótipos e genótipos. O território do bairro Santana da avenida Ipiranga até o parque Farroupilha é narrado como de “ruas tranquilas, aristocráticas. E limpas [...]” (Falero, 2020, p. 163), cujos moradores são “pessoas rosadas” que “falavam o mais anasalado porto-alegrês, onde os animais tinha pedigree” (Falero, 2020, p. 164) e pareciam comportar-se conforme a arquitetura dos edifícios elegantes e altivos em que habitavam: “[...] Tudo olhavam de cima, sobranceiros” (Falero, 2020, p. 163).

O narrador segue detectando diferenças cruciais e inusitadas da desigualdade social visíveis em Porto Alegre de acordo com a evolução da venda de maconha. A expansão à Vila Planetário é observada pela notoriedade que o local adquiriu como cenário de uma reportagem de TV sobre o tráfico de drogas realizada no “quintal do Palácio da Polícia”, localizado na Avenida João Pessoa.

Um “susto” é reservado para quem transita até o final da rua Luís Manoel, que

terminava de súbito, sem saída, desembocando na inesperada imundície [...] [onde] já não havia prédios altos, já não havia gente rosada, já não havia pedigree, já não havia sotaque anasalado; o que haviam eram casas humildes, muros pichados, lixo espalhado por toda parte, cães sarnentos, gatos pestilentos, cavalos esfalfados de puxar carroça, gente de pele curtida no sol, gente malvestida, gente de rosto abatido pela vida dura, gente de linguajar inculto e incauto [...], pedaço de inferno [...] no interior daquela área nobre de Porto Alegre, como uma espinha solitária no rosto de uma bela mulher (Falero, 2020, p. 164).

Enquanto as desigualdades sociais são esquadrinhadas entre referenciais geográficos e condicionantes de relações, *Os supridores* demonstra uma complexidade para os indivíduos em perceberem-se sujeitos e estabelecer conexões.

Territórios conquistados e afetos feridos

Por outro lado, a periferia também é o único lugar de pertencimento possível. Com sucesso no tráfico, Pedro chega a obter passagem para áreas nobres como um restaurante fino localizado no alto do bairro Bela Vista, onde se reúne com um detetive (Falero, 2020, p. 230-231). O prato que o traficante havia selecionado no cardápio lhe desagrada, fazendo-o perceber que só poderia saciar a fome quando voltasse para o refúgio afetivo e identitário que é sua casa. Amigo de Pedro, Guilherme também exemplifica este sentimento, pois faz questão de voltar à Lomba do Pinheiro após viver um período com a mãe em Viamão, sob a desculpa de que a antiga casa do pai poderia ser alvo de invasão.

Assim, o movimento cotidiano de sair das regiões insuficientes para zonas abastadas se dá apenas para servir no trabalho junto ao Supermercado Fênix ou para traficar.

O intenso transitar da quadrilha pela cidade é constatado por diversas outras localizações indicadas ao longo da trama. A já vista escola Luciana de Abreu, no bairro Santana, é utilizada como rota para passagem de mercadorias roubadas no supermercado para gerar o capital inicial para a revenda de maconha, considerando-se que a instituição estadual não contava com atividades ou iluminação no período noturno. As garrafas de uísque confiscadas para este fim são repassadas a 5,6 quilômetros dali, junto ao bar que a irmã de Marques mantém na vila Campo da Tuca. Em seguida, Pedro encontra a clientela no campo de futebol da vila Viçosa.

Cogitando um público potencial entre alunos do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, o Julinho, Pedro tenta convencer Marques a utilizar o supermercado em que trabalham como ousado ponto de venda de maconha, “bem no meio deste bairro burguês, que tem porco por toda parte” (Falero, 2020, p. 176). A poucas quadras de distância, no Parque Farroupilha, conhecido como Redenção, também em local de parca iluminação, Pedro e Marques encontram as jovens “princesinhas mimadas” Pâmela e Fernanda, interessadas em baseados e dispostas a passar uma noite com os traficantes.

Quando os lucros da quadrilha aumentam, há motivação para se almejar melhorias com a ascensão pela educação, por exemplo. A mãe do traficante sócio Luan (antes conhecido

como Chokito e depois como Sheik) retoma os estudos “com o ousado intuito de tornar-se advogada” (Falero, 2020, p. 168). Pedro externa aos parceiros a vontade de “construir uma vida decente, dentro da porra da lei” (Falero, 2020, p. 192):

Ei, ei, ei, te liga só nisso, te liga só nisso: sabe o que eu vou fazer, quando tudo isso acabar? Eu vou usar o dinheiro pra pagar os meus estudo com toda a tranquilidade, porque, na real, eu curto estudar. Mas é o seguinte: eu vou estudar é onde burguês estuda, cara. Vou fazer uma facul do caralho! Quando eu tiver formado, sangue bom, ih, nem me viu! Eu vou achar trampo é lá na Europa, ou nos Estados Unidos, sei lá. Vão me chamar de “doutor Pedro” (Falero, 2020, p. 192).

Esse “delírio”, como define Pedro, acontece em conversa em um parque aquático localizado na também confinante cidade de Viamão, área de lazer antes impossível de ser frequentada, ora conquistada pela ascensão financeira oriunda do tráfico. Fora a perspectiva idealizada do exterior, sair ou empreender fuga de Porto Alegre e seus obstáculos sociais não faz parte dos objetivos imediatos das personagens de Falero. Pedro constrói uma casa nova na vila. Após cogitar a formação de uma frota de táxis, o casal Marques e Angélica investe “quase meio milhão” em “moradias populares para alugar, em vários pontos da cidade” (Falero, 2020, p. 236-237). Outro integrante da quadrilha, Roberto, adquire um “amplo imóvel na avenida Cavallhada, abrindo ali por ninharia um respeitável e lucrativo restaurante” (Falero, 2020, p. 236).

Eles passam a participar da sociedade de consumo adquirindo produtos caros, marcas renomadas, hábitos refinados. A mãe de Pedro é afastada da rotina como faxineira, sendo aposentada “um pouco antes do tempo, segundo a Consolidação das Leis do Trabalho; já passando da hora, de acordo com o bom senso” (Falero, 2020, p. 160). A objetividade de mudar de vida utilizando-se de ferramentas da avidez capitalista chega ao ponto de os próprios excluídos/criminosos admitirem que teriam dificuldade em abandonar o padrão de vida de ganhos acima da meta estipulada para a virada de chave da pobreza.

Concomitantemente ao desprezo de limites sobre os lucros, a noção de criminalidade é distorcida em relação à periferia quando os protagonistas chantageiam Amauri, supervisor da rede de supermercados Fênix, por crimes de pedofilia. Trata-se de reprodução de preconceito burguês sobre o aspecto revelador do homossexualidade do superior sem autocritica, visto que Pedro e Marques relacionam-se sem culpas com meninas adolescentes em episódio anterior. A condição precarizada justificaria as falhas.

Mais tarde, quando se deflagra uma guerra com a facção Os Bala na Cara, o grupo liderado por Pedro e Marques precisa traçar um mapa da labiríntica região em torno da Vila

Planetário, orientando-se sobre os pontos mais perigosos e os prédios ocupados pelos rivais na venda de drogas. Entre ruas como Santana, Olinto de Oliveira, Luiz Manoel e Santa Terezinha, outras identificadas por números como 2, 3, 4 e 5, e demais becos, o conflito deve convergir para o “Redondo”, ponto nevrálgico das atividades de tráfico. Após o episódio narrado no capítulo “Noite macabra”, fatal para Luan, o grupo reúne-se na casa de Marques e Angélica, no bairro Menino Deus, nas proximidades do Ginásio Municipal Osmar Fortes Barcellos, conhecido como Ginásio Tesourinha.

Pedro acaba sendo capturado pela polícia. Enquanto o anti-herói esforça-se para não delatar seus companheiros de crime, sabe-se que a localização para o flagrante dele se deu por denúncia anônima feita por Alemão, o participante “externo” do grupo, que abre a possibilidade de tê-lo feito sob componentes da dialética racial.

Prejuízos persistentes

A vida urbana da Lomba do Pinheiro faleriana, do bairro Partenon e do Menino Deus é espaço do “nós” contra “eles”, externamente ou internamente. Falero denuncia o jogo ingrato que permite acesso ao progresso somente a quem se submeter à exploração enquanto tenta acreditar na promessa urbana. Inicialmente, Pedro e Marques tentam “empreender”, tentam “fazer certo”, mas percebem que o futuro é deslocado – e abreviado – na forma do preconceito histórico que demarca estruturalmente os lugares sociais que cada grupo pode ocupar na cidade: “[...] a gente não pode querer o que eles têm, porque isso seria inveja; e a gente só pode aparecer lá, no castelo, se for para limpar o chão ou podar os arbusto” (Falero, 2020, p. 183).

Seguindo a hierarquização à qual os protagonistas são submetidos, até mesmo o produto selecionado para a atividade de tráfico sofre desprestígio.

O autor dramatiza a experiência dos arrabaldes da urbanidade a partir de dentro, com linguagem, personagens e cenários que não só expõem a estrutura da desigualdade promovida pela carga desagregadora da modernidade, mas que também afirmam formas de vida insurgentes diante de uma experiência compulsoriamente incompleta. As causas e consequências da pobreza e da marginalidade, hábitos, costumes, tipos e relações mudam ou persistem conforme a distância do centro, mas em muitos momentos a proximidade de suportes civilizatórios não impede a existência de enclaves causadores de sustos. A Porto Alegre de *Os supridores* é de precariedade histórica, mas possui forte poder identitário entre

aqueles que compartilham o vínculo de classe vulnerável. Novos laços sociais são possíveis com a ascensão financeira da quadrilha liderada, subvertendo a lógica de quem pode circular em determinados locais – laços que ocorrem, é importante destacar, exclusivamente entre aqueles de mesma classe baixa, ressalte-se, já que o outro lado do abismo é reservado aos que “olham de cima”.

O projeto urbano não inclui o sujeito periférico, apenas o tolera desde que seja invisível ou subalterno. O supermercado é um exemplo de microcosmo que põe em contato indivíduos de classes díspares, com o beneplácito de uma hierarquia que tolera o sujeito periférico que seja força de trabalho invisível. Pedro rebela-se contra esta tolerância utilitária engendrando a “Operação bruxaria” como uma espécie de vingança contra a exploração, entendendo que os colegas do supermercado poderiam consumir produtos das prateleiras tanto quanto os proprietários por conta da força de trabalho empregada, embora com o “transtorno” de fazê-lo “mocoçados”, escondidos no vestiário.

Pedro cobra a subjetividade prometida pela modernidade; não mais considera o impasse de ausências e perdas, a não ser protagonizando-o. Ele descarta a nostalgia e abraça a distopia, segundo termo do binômio das tendências da ficção urbana contemporânea (Gomes, [s.d.], par. 10). Aos sujeitos da Lomba do Pinheiro não cabe recuperar um enraizamento jamais efetivado, mas encarar a desilusão do espaço saturado a ponto de “espaço vazio”, um lugar sem significado, como explica Zygmunt Bauman, a partir de Jwerty Kociatkiewicz e Monika Kostera. Além das vilas, podem ser observados sob esta noção locais como o Parque Farroupilha ou o próprio Palácio da Polícia, que

são vistos como vazios (melhor seria dizer não vistos). [...] Que “sobram” depois da reestruturação de espaços realmente importantes: devem sua presença fantasmagórica à falta de superposição entre a elegância da estrutura e a confusão do mundo (qualquer mundo, inclusive o mundo desenhado propositalmente), notório por fugir a classificações cabais (Bauman, 2021, p. 132).

Pontos de referência são subvertidos, perdem seu significado e também passam a repercutir o sentimento de desesperança, enquanto que a civilidade fica cada vez mais restrita aos nichos elitizados, que podem brilhar pela possibilidade de compra de proteção, segurança, sono, certezas, estabelecendo a devida diferença.

Os marcadores da condição periférica permanecem sobre os miseráveis mesmo deslocados espacialmente juntos a bairros burgueses, no parque aquático, no restaurante do Bela Vista, permitindo que estes captem o ressentimento causado – “O problema, sangue

bom, é que esse padrão de vida não é pra gente como a gente” (Falero, 2020, p. 178) – e revertam-no em resistência criminosa: “A gente quebrou as regra da brincadeira, Marques. A gente foi lá e pegou pra gente o que decidi que não devia ser nosso nunca” (Falero, 2020, p. 178).

Eles desejam espalhar-se sobre uma cidade que lhes foi historicamente negada e o fazem sob a lógica do mercado neoliberal, livre, acelerado, expansivo. Não o fazem pela proposta marxista de regulá-lo, mas para valer-se dele como o fazem os entusiastas da autorregulação própria do capitalismo neoliberal avançado.

Considerações finais

Predomina em *Os supridores* uma busca por oportunidades que vai além da batalha por equidade. Na cidade que pode ser vista como uma entidade que produz formas específicas de habitar, circular, se expressar, Pedro e Marques vislumbram igualar-se a padrões médios e alcançar territórios específicos da urbanidade negada. A ética que permeia o núcleo de trabalhadores transformados em traficantes, porém, sofre movimentos de avanço e recuo, ora idealizando a justiça social, ora transitando na sanha desregulamentadora de práticas do mercado neoliberal.

O urbano em Falero é uma entidade que impõe um jogo desigual, superável mediante estratégias de sobrevivência e insurgência que pressupõem ou até mesmo forçam o delito e é assim que Pedro e sua quadrilha avançam sobre vários e novos espaços. Trata-se de um triunfo efêmero na maior parte dos casos, entretanto, já que a fruição de melhores condições tem prazo de validade conforme avançam os episódios de violência ou o trabalho do aparato policial e penal.

Retomando-se as compreensões sobre a literatura brasileira contemporânea, com leituras propostas entre ultrarrealismo, brutalismo, novo realismo, literatura contestada ou literatura de subtração, pode-se notar a convergência que José Falero e autores contemporâneos operam, como analisa Candido (2023), sobre a expansão da narrativa ao descreverem temas, situações e modos de falar com o crucial posicionamento na própria classe social. O olhar imediato é especialmente urbano e o território citadino apresenta-se cada vez mais complexo e restrito àqueles que detêm o poder sobre uma hierarquia enraizada na opressão pela desigualdade decorrente do passado colonial.

Referências

- Aterros sobre o Guaíba. *Porto Alegre Antigo – O maior presente – Dos Antepassados ao Século XXI – A maior história de Porto Alegre em ordem cronológica*. S.l. 17 nov. 2015. Disponível em: <https://lealevalerosa.blogspot.com/search?q=aterros> . Acesso em: 28 jan. 2026.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 54. ed. São Paulo: Cultrix, 2022.
- BOSI, Alfredo (Org.). *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 1985.
- CANDIDO, Antonio. A nova narrativa. In: *A educação pela noite*. São Paulo: Todavia, 2023.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. *Iberic@l*. Paris, v. Dossier monographique “La littérature brésilienne contemporaine”, n. 2, p. 13-18, outono. 2012. Disponível em: <https://iberical.sorbonne-universite.fr/numeros/numero-2-automne-2012/> . Acesso em: 27 jan. 2026.
- FALERO, José. *Os supridores*. São Paulo: Todavia, 2020.
- FISCHER, Luís Augusto. Introdução geral: uma nova história para a literatura gaúcha. In: *A constelação romântica: período formativo*. Luís Augusto Fischer (coord.), Maria Eunice Moreira et al. Porto Alegre: Coragem; Rio Grande: Editora da FURG, 2024. (História da Literatura no Rio Grande do Sul; v. 1.)
- FREIRE, Eduardo Duarte et al. *Lomba do Pinheiro*. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, 2000 (Memória dos Bairros).
- GERMANO, Idilva Maria Pires. *As ruínas da cidade grande: imagens da experiência urbana na literatura brasileira contemporânea*. Estudos e pesquisas em psicologia. Rio de Janeiro: UERJ, ano 9, n. 2, p. 425-446, 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/9113/7495> . Acesso em: 20 fev. 2026.
- GOMES, Renato Cordeiro. *A cidade moderna e suas derivas pós-modernas*. Semeiar. Rio de Janeiro: PUC, n. 4. Disponível em: <https://catedravieira-ic.lettras.puc-rio.br/obra/47/a-cidade-moderna-e-suas-derivas-pos-modernas> . Acesso em: 20 fev. 2026.
- PELLEGRINI, Tânia. No fio da navalha: literatura e violência no Brasil de hoje. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. Brasília, n. 24, p. 15-34, 2004. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9003> . Acesso em: 25 jan. 2021.

DEMARI, Eliseu.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

Recebido em: 01/04/2026; **Aceito em:** 18/06/2026.